

“O Ateneu”: a escola da sociedade

**Maria Terezinha Bellanda Galuch
Marta Sueli de Faria Sforni**

Nos discursos sobre educação, na maioria das vezes, o que vemos é uma apologia da escola enquanto uma instituição de caráter democrático, que busca elevar as condições de vida dos indivíduos a patamares mais humanos e dignos, ou seja, oferecer a possibilidade para que todos exerçam a cidadania.¹

Embora este seja o discurso, a prática nos revela que a escola não só responde às necessidades da sociedade como não está isenta de apresentar, no seu interior, as contradições que caracterizam a sociedade de classes. Questão que torna difícil o desenvolvimento das propostas educacionais nos níveis desejados.

No final do século XIX, quando o movimento pela democratização do ensino cria a escola primária, obrigatória e laica, incorporando todas as classes, a educação passa a ser encaminhada no sentido de proporcionar aos indivíduos as condições favoráveis para um convívio social harmonioso.

Porém, sendo a sociedade formada por classes com interesses distintos e em constante luta, o fato de a escola tentar amenizar as diferenças decorrentes desta forma de organização social não significa que consegue eliminá-las do seu interior e/ou da sociedade.

À medida que surge o antagonismo entre as classes, explicitando suas contradições, a escola, ao incorporá-las, dissimula a nível teórico o que a prática revela, isto é, confere a si a autonomia de combater os antagonismos, desconsiderando a vinculação que estes

mantém com a base social. Esta leitura linear das instituições decorre das indefinições que imperam no atual momento, o que dificulta perceber a escola enquanto parte de uma totalidade.

Esta estreita relação entre escola e sociedade parece estar mais clara justamente quando a luta de classes ainda não está socialmente instalada. Neste momento, a escola, enquanto instituição, oferece uma educação que expressa e responde às necessidades sociais, sem buscar a transformação da ordem estabelecida, a não ser aquelas necessárias à sua conservação. Portanto, quando na escola não há a presença de diferentes classes sociais, seu papel é mais evidente, ou seja, proporcionar o livre desenvolvimento daquilo que já está referendado pela sociedade. Isto nos possibilita perceber que, historicamente, a função da educação independe da vontade ou de iniciativas particulares. A escola, em última instância, acaba não determinando as diretrizes para sua atuação.

Para elucidar esta questão, buscamos subsídios na obra *O Ateneu* de Raul Pompéia. Embora tenha sido publicada há mais de um século, traz elementos que nos permitem analisar a educação institucional sob uma perspectiva menos idealizada. Consideramos que este autor coloca às claras como o conteúdo social se manifesta na escola, demonstrando que ela não tem forças para ser algo diferente daquilo que é a sociedade.

O Ateneu é um romance publicado no Brasil, em 1888, portanto, no crepúsculo do Império. Raul Pompéia (1863-1895) narra a experiência que viveu num internato² e, embora não sendo educador, flagra de forma espetacular a relação existente entre educação e sociedade. Não faz uma apologia do Ateneu, como também não se lastima por aquilo que ele é, apenas mostra, com a maior clareza possível, que a escola, da forma como está organizada e de acordo com as funções que lhe são atribuídas, extrapola as suas fronteiras.

O contexto no qual se desenvolve o romance corresponde ao período em que a Revolução Industrial, operada na Europa, exige que o Brasil diversifique e qualifique suas mercadorias para que possa ingressar no mercado mundial. A mercadoria produzida com a utilização da máquina e do trabalho assalariado está sendo muito mais lucrativa do que aquela produzida com o trabalho escravo. Em

face da necessidade de se conquistar espaço no mercado internacional, uma vez que os portos estão se abrindo, há a necessidade de se reorganizar a mão-de-obra até então utilizada. Neste período, abre-se uma luta que expressa a monocultura em oposição à produção industrial, onde a cultura cafeeira vai perdendo a hegemonia. Momento este em que a pequena burguesia começa a despontar.

Sob as coordenadas de uma forma de produção mais competitiva, acirra-se ainda mais a necessidade de cada indivíduo ser o único responsável pela sua existência. É, então, o momento de o jovem desvencilhar-se da proteção dos pais e aprender a "virar-se" na sociedade da competição, da contradição, da corrupção; na sociedade da mercadoria, onde o homem vale pelo que possui.³

O Ateneu é a escola que oferece o passaporte para se ingressar nesta sociedade. Esta é a escola que vai formar os jovens para exercerem tanto os cargos públicos como para colocarem em marcha a produção, da mesma forma que estava acontecendo na Europa, a partir da industrialização.

No mesmo momento em que se está na Europa lutando pela escola para todos e que no Brasil a constituição de 1823-24 reza pela obrigatoriedade e gratuidade da educação, *O Ateneu* revela que, no Brasil-Império, a escola particular é a instituição capaz de responder às necessidades da pequena burguesia nascente.

Raul Pompéia afirma que a clientela do Ateneu significava a "fina flor da mocidade brasileira". Atraídos pela propaganda, que se entendia por todo o país, os pais sentiam-se honrados em atender ao *réclame* mandando um ou mais dos seus filhos "*abeber-se à fonte espiritual do Ateneu*" (POMPÉIA, 1979, p.13).

Segundo o autor, os ateneus são as melhores instituições para educar, porque são eles que vão dar a receita necessária para o homem viver e sobressair-se na sociedade burguesa.

Quando o menino Sérgio, personagem principal do romance, narra o momento em que ele e seu pai encontravam-se à porta do Ateneu, fica evidenciada a distância que existe entre a educação doméstica e a educação institucional, sendo que somente a segunda

poderia dar ao aprendiz a “verdadeira” dimensão do mundo.

Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai à porta do Ateneu. Coragem para a luta”. Bastante experimentei a verdade deste aviso, que me despia, num gesto, das ilusões de criança educada exoticamente na estufa de carinho que é o regime do amor doméstico, diferente do que se encontra fora...

(POMPÉIA, 1979, p.11)

O internato é que vai iniciar o jovem na vida competitiva, onde vence aquele que melhor consegue beneficiar-se em qualquer situação; ou seja, é no Ateneu que se aprende, na prática, as leis que regem a sociedade capitalista. Por isso, quando Dr. Cláudio, professor do colégio, profere uma palestra, em defesa do internato, diz:

É uma organização imperfeita, aprendizagem de corrupção, ocasião de contato com indivíduos de toda origem? O mestre é a tirania, a injustiça, o terror? O merecimento não tem cotação, cobrem as linhas sinuosas da indignidade, aprova-se a espionagem, a adulação, a humilhação, campeia a intriga, a maledicência, a calúnia, oprimem os prediletos do favoritismo, oprimem os maiores, os mais fortes, abundam as seduções perversas, triunfam as audácias dos nulos? A reclusão exacerba as tendências ingênicas?

Tanto melhor: é a escola da sociedade.

(POMPÉIA, 1979, p.128)

E como “*escola da sociedade*”, apesar da aparente igualdade que é instalada no seu interior, as contradições externas sobrepõem-se.

Cada mocidade representa uma direção. Hão de vir os disfarces, as hipocrisias, as sugestões da habilidade, do esclarecimento intelectual; no fundo a direção do caráter é invariável. A constância da bússola é uma; temos todos um norte necessário: cada um leva às costas o sobrescrito da sua fatalidade. O colégio não ilude: os caracteres exibem-se em mostrador de franqueza absoluta. O que tem de ser, é já.

(POMPÉIA, 1979, p.128)

Na continuidade da palestra o professor reforça o vínculo exis-

tente entre a escola e a sociedade, ao demonstrar que a instituição não pode ser avaliada por si, pois a imoralidade, a injustiça ou a corrupção, que nela aparecem, não são gestadas nem tampouco modificadas dentro da própria escola. Ao contrário, tudo o que nela existe é expressão de uma prática legitimada pela sociedade.

E não se diga que é um viveiro de maus germens, seminário nefasto de maus princípios, que hão de arborescer depois. Não é o internato que faz a sociedade; o internato a reflete. A corrupção que ali viceja, vai de fora. Os caracteres que ali triunfam, trazem ao entrar o passaporte do sucesso, como os que se perdem, a marca da condenação.

(POMPEIA, 1979, p.128)

Raul Pompéia reitera o fato de que o internato não isola os jovens do mundo, ao contrário, oferece a possibilidade para que se exercitem naquilo que é o mundo. Neste sentido, refere-se à relação mercantil que se estabelece entre os alunos:

As especulações moviam-se como o bem conhecido ofídio das corretagens. Havia capitalistas e usurários, finórios e papalvos; idiotas que se encarregavam de levar ao mercado, com a facilidade de que dispunham fora do colégio, fornecimentos inteiros, valiosíssimos, de Mallatts e Guillots que os hábeis limpavam com a gentileza de figurões da bolsa, e selos inestimáveis que os colecionadores práticos desmereciam para tirar sem custo...

(POMPÉIA, 1979, p.85).

Este tipo de relação existente entre os alunos não é criticado pelo autor, mas considerado fundamental para conhecer e treinar as regras das relações que se estabelecem entre os homens "lá fora".

Ensalados no microcosmo do internato, não há mais surpresa no grande mundo lá fora, onde se vão sofrer todas as convivências, respirar todos os ambientes...

(POMPÉIA, 1979, p.128)

O convívio proporcionado pelo colégio em regime de internato oferece aos filhos da pequena burguesia as habilidades necessárias para manterem-se no mundo dos negócios, onde educação não significa apenas instrução.

Ilustrar o espírito é pouco; temperar o caráter é tudo. É preciso que chegue um dia a desilusão do carinho doméstico. Toda a vantagem em que se realize o mais cedo. (...) A educação não faz almas: exercita-as. E o exercício moral não vem das belas palavras de virtude, mas do atrito com as circunstâncias.

(POMPÉIA, 1979, p.128)

Percebemos que Raul Pompéia não está falando apenas de instrução, pois a instrução por si só não oferece esta “lição de moral”. E são exatamente estas lições que os jovens vão buscar no Ateneu. Isto porque, nem a educação doméstica, nem a escola sob o regime de externato, cumpre tal função: a educação ministrada pela família forma o indivíduo dependente, sem iniciativas, cego para as armadilhas existentes na sociedade; o externato não oferece as lições práticas de como é o funcionamento da sociedade da mercadoria, da sociedade, do valor.

O externato é um meio-termo falso em matéria de educação moral; nem a vida exterior impressiona, porque a família preserva, nem o colégio vive socialmente para instruir a observação, porque falta a convivência de mundo à parte, que só a reclusão do grande internato ocasiona. O internato com a soma dos defeitos possíveis é o ensino prático da virtude, a aprendizagem do ferrelro à forja, habilitação do lutador na luta. Os débeis sacrificam-se; não prevalecem.

(POMPÉIA, 1979, pp.128-9)

Neste sentido, a moral que prevalece no Ateneu é a moral possível de existir quando se acredita que o homem é o único responsável pelo seu êxito ou derrota. Isto Raul Pompéia descreve com a maior sabedoria. No entanto, apesar desta ser a prática do Ateneu, seu “marketing” é a favor da moral, da seriedade e dos bons costumes.

Aristarco, diretor do colégio, ao recepcionar o pequeno Sérgio e seu pai, assim diz:

No *Ateneu*, a imoralidade não existe! Velo pela candura das crianças, como se fossem, não digo meus filhos: minhas próprias filhas! O *Ateneu* é um colégio moralizado! (...) Todas as culpas são prevenidas, uma pena para cada hipótese: o caso da imoralidade não está lá.

(POMPEIA, 1979, p.24)

Toda propaganda em favor do Ateneu é no sentido de divulgá-lo como um colégio que significa a extensão do lar, onde o amor paterno está presente nos professores e a moralidade familiar germina no seu interior. As palavras de Aristarco são estas, no entanto o convívio no seu interior revela que a moralidade apregoada não tem como objetivo a eliminação da prática onde cada um visa seus próprios interesses. Esta é silenciosamente permitida pelo internato. A educação moral que o Ateneu promete tem por fim a moderação dos excessos desta prática; ou seja, garantir a sociabilidade necessária para o pleno exercício das liberdades individuais. Daí o seu valor.

Quando Sérgio chega ao colégio encontra Rebelo - um antigo aluno - que logo o informa a respeito das "regras" que deveria obedecer, uma espécie de "código dos alunos". Estas regras, paralelas, mas legítimas, não condizem com o "código do colégio", aquelas regras que Aristarco havia anunciado para seu pai. Mesmo não sendo as oficiais são elas que deveriam ser seguidas para sobreviver no Ateneu.

Rebelo dá um conselho a Sérgio:

(...) faça-se forte aqui, faça-se homem. Os fracos perdem-se.

Isto é uma multidão; é preciso força de cotovelos para romper. (...) Os gênios fazem aqui dois sexos, como se fossem uma escola mista. Os rapazes tímidos, ingênuos, sem sangue, são brandamente impelidos para o sexo da fraqueza; são dominados, festejados, pervertidos como meninas ao desamparo. Quando, em segredo dos pais, pensam que o

colégio é a melhor das vidas, com o acolhimento dos mais velhos, entre brejeiro e afetuoso, estão perdidos...

(POMPÉIA, 1979, p.28).

Como o colégio funciona sob a orientação da mercadoria, onde qualquer mérito é dado pelo valor que se paga por ele, os alunos logo incorporam esta prática. Entre eles havia uma moeda que possuía valor de ouro e todos "precisavam" possuí-la para usá-la em casos de emergência, como na compra de favores ou de silêncios. Esta moeda era o selo. No comércio deste "tesouro" empregavam-se os meios mais requintados de persuasão, de malandragem e de esperteza. Meios que, em última instância, são determinados pela prática mercantil.

No comércio do selo é que fervia a agitação de empório, contratos de cobiça, de agiotagem, de esperteza, de fraude. Acumulavam-se valores, circulavam, frutificavam; conspiravam os sindicatos, arfava o fluxo, o refluxo das altas e das depreciações. Os inexperos arruinavam-se, e havia banqueiros atilados, espapando banhas de prosperidade.

(POMPÉIA, 1979, p.86)

Enquanto escola da mercadoria, da venda, da troca, do lucro, o Ateneu comportava-se como empresa. Preocupado em vender mais e melhor suas vagas, o diretor empenhava-se em projetar uma bela imagem do colégio, dando-lhe uma nova aparência, "*pintando-o jeitosamente de novidades, como os negociantes que liquidam para recomeçar com artigos de última remessa.*" (POMPÉIA, 1979, p.12). Em face de todo este esforço o Ateneu era reconhecido como o "grande colégio da época."

O Ateneu demonstra o quanto cada indivíduo está impregnado do conteúdo social. Aristarco é o exemplo mais vivo disto. Nele, observamos a oscilação entre um discurso que preza pela moral, pelo bem comum e uma prática que revela os interesses individuais. Esta dualidade não é uma característica exclusivamente sua, mas é a condição para se manter numa sociedade onde as contradições são dissimuladas, inclusive pelo discurso educacional.

A este vaivém de atitudes, feição dupla de uma mesma individualidade e contingência comum dos sacerdócios, estava tão habituado o nosso diretor, que nenhum esforço lhe custava a manobra. O especulador e o levita ficavam-lhe dentro em camaradagem íntima (...) Sabiam, sem prejuízo de oportunidade, aparecer por alternativa ou simultaneidade; eram como duas almas inconhas num só corpo. Soldavam-se nele o educador e o empresário com uma perfeição rigorosa de acordo, dois lados da mesma medalha: opostos, mas justapostos.

(POMPÉIA, 1979, p.23).

A partir da análise de *O Ateneu* percebemos que o colégio relatado por Raul Pompéia não se distancia muito das instituições educacionais da contemporaneidade. Porém, na compreensão da escola hoje, há que se considerar: a escola pública, que ganha espaço no decorrer do século XX, é ainda mais complexa, na medida em que abarca em seu interior todas as classes sociais, com a intenção de harmonizar seus contrários.

Pensando na escola enquanto instituição situada, observamos que no Ateneu há uma sintonia entre a educação que ali se processa e aquilo que a sociedade espera dela. A preocupação em preparar para a vida existe, não a partir de situações fictícias, mas através de vivências similares ao que é a organização social. Nele, percebemos a tentativa de proporcionar aos jovens a educação necessária para sobreviver nesta sociedade. Neste sentido, podemos dizer que, em se tratando da moral, o que prevalece é uma moral guiada pela razão e que possibilita o livre exercício das forças individuais, condição fundamental para o desenvolvimento da sociedade capitalista.

Assim, percebemos que tanto no Ateneu quanto nos atuais discursos educacionais a moral se faz presente. No entanto, parecemos que hoje o empenho está voltado para uma moral que contenha os ânimos engendrados nas crescentes e explícitas diferenças entre as classes, ou seja a moral do cidadão, aquela que, derivando do sentimento, irmana todos os homens e faz os indivíduos voltarem-se para o outro, em prol do bem público, em detrimento de primar pelos seus

próprios interesses. E, é nessa tentativa de amenizar este desconforto que a escola acaba buscando um ideal de educação e de aluno diferente daquilo que a realidade possibilita, superdimensionando o seu espaço de atuação.

Desta forma, admitir a estreita vinculação entre educação e sociedade não significa a retomada das teorias crítico-reprodutivistas, mas a necessária ponderação diante de uma crescente perspectiva que tem atribuído ao aluno e à escola a autonomia para modificarem sua própria situação e, conseqüentemente, o quadro de problemas no qual estão inseridos.

Se, por um lado, a tarefa na qual nos detivemos obriga-nos a reconhecer os limites da instituição escolar, parecendo levar a um certo imobilismo, por outro, ela pode nos indicar as suas possibilidades, mesmo que em dimensões menores que a ideal. Mas, sem dúvida, mais real. Primeiro passo para uma ação mais conseqüente.

Maria Terezinha Bellanda Galuch

Marta Sueli de Faria Sforzi

Professoras do Departamento de Teoria e
Prática da Educação da Universidade
Estadual de Maringá, PR. Mestrandas em
Educação - UEM-PR.

Notas

1. A síntese do atual pensamento educacional pode ser encontrada, dentre outros, nos seguintes livros: "Todos pela educação do município: um desafio para dirigentes" e "Todos pela educação do município: um desafio para cidadãos", recentemente publicados pela UNICEF/CECIP/MEC. Tais obras vêm ao encontro das discussões que estão ocorrendo, a nível nacional, em torno da elaboração do *Plano Decenal de Educação para Todos*.
2. Em 1873, no Rio de Janeiro, Raul Pompéia matricula-se no Colégio Abílio, dirigido pelo Dr. Abílio César Borges, Barão de Macaúbas. Segundo HAIDAR (1972), Dr. Abílio aparece em O Ateneu encarnado na figura do diretor Aristarco Argôlo Ramos.
3. Pompéia mostra como Sérgio sentiu-se bem ao saber que iria ingressar no Ateneu e que não mais teria os pais como responsáveis

por seus atos. Sérgio assim narra: "Mas um movimento animou-me, primeiro estímulo sério da vaidade: distanciava-me da comunhão da família, como um homem! Ia por minha conta empenhar a luta dos merecimentos; e a confiança nas próprias forças sobravam." (POMPÉIA, 1979, p.12).

Resumo

Neste artigo discute-se a relação entre a educação e a forma como os homens se organizam em torno do trabalho, mostrando que a escola, enquanto instituição educativa, não é autônoma na definição de suas funções. Para elucidar a estreita vinculação existente entre educação e sociedade buscou-se subsídios em *O Ateneu*, obra de Raul Pompéia, publicado no final do século XIX.

Referências bibliográficas

- Haidar, M. L. M. *O ensino secundário no império brasileiro*. São Paulo: EDUSP/Grijalbo, 1972.
- LEONEL, Zélia. *Contribuição à história da escola pública: elementos para a crítica da teoria da educação*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1994. (Tese de doutorado).
- LOCKE, J. *Pesamientos sobre la educación*. Madrid: Akal, 1986.
- NOGUEIRA, Madza Julita e CECCON, Claudius. *Todos pela educação no município: um desafio para cidadãos*. Brasília: UNICEF/CECIP, 1993.
- NOGUEIRA, Madza Julita. *Todos pela educação no município: um desafio para dirigentes*. Brasília: UNICEF/CECIP, 1993.
- POMPÉIA, Raul. *O Ateneu: crônicas de saudades*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1979.